

A fala e a escrita da mulher que não existe

Heloisa Caldas

A primeira reflexão sobre "A mulher que fala - discussões de gênero nas artes"¹ nos leva a um percurso sobre os termos: *mulher* e *fala*. Duas importantes abordagens podem situá-los, cada uma a seu modo.

Em relação ao termo *mulher* temos, de um lado, as teorias de gênero e do outro, a concepção psicanalítica da sexualidade. Elas se encontram em alguns pontos, mas se separam em outros. Em relação ao termo *fala*, em sua confluência com as artes, é preciso distingui-lo de *escrita* no sentido do que a arte, seja com que material for, fala ao estabelecer laço, mas também com seu ato traça. O que permite dizer que ela escreve o jamais dito. Após o ato não se pode mais apagar seu registro.

Parto de dois princípios da teoria psicanalítica lacanianiana que norteiam a questão do sexo: *a mulher não existe e não há relação sexual*.

O sujeito que fala

O conceito de sujeito é um ponto de convergência entre as teorias de gênero e a sexualidade lacanianiana. Com esse conceito podemos tratar da fala, uma vez que é a fala que o coloca em primeiro plano. Foi a partir das teorias da subjetividade que as teorias de gênero nasceram e se desenvolveram. O sujeito fala a partir do que dele se falou, mas subverte o discurso do qual emerge.

Nesse sentido as teorias de gênero conquistaram politicamente uma expressiva subversão do lugar em que a mulher era falada, de forma que, ao tomar a voz, elas pudessem influenciar na revisão da ordem do discurso,

modificando assim o lugar da mulher na cultura. A mesma estratégia fundamentou a luta pelos seus direitos de outras tantas minorias em relação ao discurso majoritário.

O mérito dos pensadores e ativistas das teorias de gênero, ao abrirem espaço para uma fala nova sobre as mulheres, foi o de destacar que o gênero depende da leitura cultural da diferença anatômica entre os sexos, constituindo lugares e papéis fixados que podem e devem ser politicamente revistos.

A imposição da leitura biológica perdeu a força em favor da liberdade de eleição ou de assunção de uma identidade sexual. Assim, o discurso que unia a cultura à natureza modifica-se, passando a descolar uma da outra. O gênero não se decide mais a partir da anatomia. O binarismo sexual, sustentado por séculos, vem se revelando precário para a explosão da classificação. O contínuo do arco íris parece não bastar para nomear tantos semblantes de seres para o sexo. Inúmeras novas identidades sexuais proclamam sua nomeação e reclamam seus direitos, confirmando uma modificação no estatuto do Outro destacado por Lacan ao longo do seu ensino: o Outro não preexiste de forma consistente, sua bricolagem é uma operação do sujeito a partir do caldo cultural.

As teorias de gênero mais arrojadas, as chamadas teorias *queer*² - partidárias do sexo decidido de forma puramente subjetiva e da liberação dos modos de gozo - não consideram que "a ideia de 'liberação' supõe que a falha no gozo se deve à 'repressão sexual', enquanto a psicanálise nos ensina que ela é inerente ao trauma-buraco que a linguagem infringe ao vivente"³. A sexuação não pode se dar apenas em nome do prazer, dos ganhos no exercício da sexualidade, da conquista de direitos. Ela implica necessariamente uma perda irreduzível que se manifesta na insatisfação inexoravelmente encontrada na via pulsional trilhada, qualquer que seja esta, em nome da satisfação. Para a psicanálise o real do corpo é o destino entendendo aqui não a anatomia em si, mas a operação

significante que faz do organismo um corpo, ou seja, um campo de gozo no qual se escava um real próprio a cada um. Nesse sentido, as propostas de que é possível fazer qualquer coisa com o corpo desconhecem o real lacaniano - que se dá pelo advento da linguagem - confundindo-o com o real organicista da ciência. Soma-se ao discurso científico atual uma estratégia de poder. Não me refiro à ciência em si como forma de saber desencarnada, mas ao uso de suas pesquisas em conjunção com a perspectiva do discurso capitalista. As operações sexuais estão aí, à venda pela cirurgia médica e plástica, como produtos sofisticados. Não é de espantar que alguém se submeta a uma delas e alguns anos depois peça sua reversão, pois se enganara. As identidades construídas unicamente a partir do discurso e da *performance* sexual são formas de tratar, precariamente, o real do sexo, pois não é *queer* quem quer⁴.

A diferença sexual lacaniana

A psicanálise bebeu da mesma fonte da subjetividade e se valeu do conceito de sujeito⁵. Ressalta, no entanto, sua função inconsciente articulada a um campo de gozo. Lacan insistiu em dizer que o sujeito que fala é resposta à posição original de objeto falado. Trata-se de uma divisão entre alienação e separação na qual o sujeito do inconsciente advém de um saber não sabido, na medida em que a subjetividade transparece em um tempo posterior ao da fala⁶. Além disso, a psicanálise está atenta ao gozo que passa por vias simbólicas e imaginárias, inegavelmente tecidas pelo discurso, mas também pelo real inexorável que determina uma via impossível, diante do qual qualquer construção de identidade reguladora encontra seu ponto de fracasso.

Em seu último ensino, Lacan propõe a sexuação em termos de uma escrita lógico matemática⁷. Alguma cifra isolada inaugura uma distinção sobre um campo de gozo indistinto⁸, instaurando o Um e sua alteridade absoluta, o zero anterior

ao seu advento. Essa diferença se dá, então, como uma diferença absoluta, sem comparação, num plano que não passa pelo especular⁹, pois o material que marca essa diferença advém do que literalmente cai sobre a carne nela escrevendo um campo de gozo: ecos e ressonâncias, ao redor da criança, sem sentido algum para ela. Essa diferença traça um limite à experiência de gozo a partir de uma cifra isolada: há Um sozinho¹⁰. Além dela há o que não se sabe. Lacan reconhece nela a posição do sujeito como resposta do real, diante do desamparo traumático da posição de objeto do gozo Outro. Ela inaugura o ponto de partida do sujeito diante do sexo e norteia os sentidos que construirá em torno disso.

É a partir dessa escrita original que o sujeito se volta para a gama de semblantes compartilhados, procurando um que lhe vista bem. Tanto sua fala como sua escrita posterior, manifestadas no discurso social, derivam dessa escrita de gozo original de sua constituição. Por se tratar de uma diferença absoluta, nenhum semblante lhe cabe perfeitamente e o mal-estar é inevitável. Por isso o trabalho do sujeito avança e força, no social, a criação de novas roupagens. As categorias homem, mulher e *tutti quanti* são seu resultado. São semblantes construídos pelo discurso das atribuições culturais para dar conta do que, a princípio, não tem atribuição. Guardam um lugar relevante na subjetivação do trauma sexual, na medida em que possam acolher mais ou menos a experiência vivida, mas não dão conta de explicar a diferença sexual no sentido de que não respondem ao real do sexo¹¹.

Nesse sentido é que A mulher como complementar ao homem não existe. Desse lado em que se espera um saber que escreva uma relação de oposição, de proporção, complementar ao desejo do sujeito, a escrita falha. Não há uma fórmula matemática que valha para todos como no universal da ciência. A relação sexual não existe e A mulher não se escreve da mesma forma para todos. Para cada sujeito, de forma singular, uma borda

no corpo é traçada, e nela objetos, muitas vezes supostos como pessoas, podem se encaixar e sustentar uma ficção de complementaridade. Mas isso nunca funciona muito bem. Se houver amor há mais chances: "que seja eterno enquanto dure".

O enigma de como obter seu complemento é o enigma da mulher e nesse sentido todos os sujeitos são desafiados por ele. Tanto os homens como as mulheres têm que se haver com a questão do que é uma mulher. No caso das ditas mulheres, vive-se o paradoxo de ser Outra para si mesma.

Assim, a diferença sexual lacaniana não divide homens de mulheres. Ela situa de um lado o sujeito e, do outro, o objeto, do qual seu destino será sempre o de se separar para nele não se perder. Como escrita lógico matemática original, ela determina as escritas que um sujeito vem a fazer ao longo de sua vida. A fala de um sujeito é, portanto, ordenada por essa escrita, singular a cada um, que determina vias possíveis, necessárias e impossíveis.

O real - lacaniano, bem entendido, - é o destino!

A partir do limite que a diferença traça e escreve, Lacan situa duas modalidades de gozo: o gozo fálico - dócil à administração dos sentidos estabelecidos, os semblantes - e o gozo a mais, suplementar ao limite¹². Os semblantes dos gêneros derivam e se organizam em função do gozo fálico, mas com frequência vacilam diante do excesso do gozo a mais. Eles visam dar ao campo do gozo algum sentido, propiciando o senso comum ou o bom senso característico da vida em comunidade. Dessa forma, guiar-se pelos semblantes e seus sentidos tende à normatização e à adequação. A semblantização contribui para a inclusão na vida social. Assim, *homem, mulher, gay*, entre outros, são semblantes relativos à posição fálica e, às vezes, a de objeto. Mas é importante assinalar que, na posição de objeto, não há sujeito, tampouco saber. Nem todos podem se situar aí. Talvez apenas a criança, originalmente, antes de nascer como sujeito, o que implica esquecer, não querer saber nada disso.

Por isso Lacan provoca as feministas de sua época com sua famosa frase "a mulher não existe"¹³, no sentido de que não encontramos um sujeito mulher em simetria ao sujeito fálico. Como sujeitos, todos são submetidos ao falo e à fala. Quando um significante marca uma posição, não encontra seu oposto complementar. Ao contrário, separa-se do oceano ilimitado de gozo que ameaça seu corpo. Na leitura lacaniana da diferença sexual, portanto, uma vez que não há complemento para a diferença sexual, não há encontros harmoniosos: não há relação sexual.

A arte entre fala e escrita

Podemos destacar em Lacan dois momentos distintos do seu trabalho sobre a escrita, focalizado pela via da letra. No primeiro, a escrita encontra-se mais relacionada ao desejo. No outro, a questão do gozo ganha destaque. Inicialmente, Lacan vale-se do equívoco do termo *lettre*¹⁴ para ressaltar o efeito-sujeito na cadeia significante. Assim, a carta não importa pelo que diz, mas como testemunho do dizer. Endereçar-se é seu destino. Cada um que a detém se feminiza, sublinha Lacan¹⁵, indicando que ter a carta é portar seu enigma: o que se quer dizer ali? Trata-se de uma estratégia de feminização semelhante à da mascarada¹⁶ na qual o sujeito faz de conta que não sabe o que tem, nem o que é. Menos ainda sabe o que diz¹⁷. A letra ocupa, então, o lugar da ficção na escrita: fingir que não a tem e mentir sua verdade: a de que tê-la não quer dizer nada. Esse efeito de feminização¹⁸ pode ser equiparado ao discurso histérico, mais situado ao lado do desejo e da reivindicação. A mensagem da escrita envelopa o desejo, e sua letra equivale à demanda de amor. Nada mais feminino e digno.

Na segunda abordagem de Lacan sobre a letra, em "Lituraterra"¹⁹, encontramos novos elementos para pensar a escrita. Ganha relevo o que ela toca do que resta sem medida, ao infinito, compatível com a lógica do *nãotodo*. Nessa

perspectiva, a forma de Lacan tratar a escrita não se restringe ao endereçamento. Ele deixa de sublinhar o desejo para dar relevo ao gozo como acontecimento de corpo. A letra não está situada apenas a partir da insistência de um traço que funda, no inconsciente, uma série a repetir. Esse plano não desaparece, mas a letra é situada no ponto limite do trabalho significante quando a produção do sentido se esgota e resta como pura marca material articulada ao gozo. Lacan a chama de *letra-litoral* para situá-la como o que traça a separação entre o sentido e o gozo - duas coisas tão diferentes como o mar e a terra.

Na primeira abordagem a interpretação gira em torno da identificação e do valor significante sob o qual a letra repousa. O gozo se mantém velado. Entretanto, após a teorização da letra-litoral, a feminização na escrita ocorre não porque se desconheça o desejo, que recebe sua mensagem invertida do campo do Outro, mas porque, ao gozar, a posição do sujeito regride à posição de objeto. A carta de amor, então, pode ser em si o litoral entre o sujeito que fala e o gozo que habita seu corpo. Essa é a função mais misteriosa e mais relacionada ao gozo da escrita. Ela se torna um recurso à falta no Outro sem pretender responder a essa falta, a não ser constituindo-se, ela mesma, em um objeto de gozo. A escrita, nesse sentido, serve para gozar da letra. Endereçar-se a alguém é apenas pretexto, semblante, para que ela cumpra seu destino de causa de desejo e objeto de gozo.

O feminino entre escrita e leitura

Desde o início de seu ensino Lacan alerta, no entanto, que não há escrita sem leitura, pois uma advém da outra, o que não quer dizer que a leitura decifre toda a escrita. Trata-se então de como ler o feminino pela tangente, levando em conta que "o escrito é para não ser lido"²⁰, ou pelo menos "nãotodo lido" na medida que o feminino é o que não se escreve.

A escrita e sua leitura podem ser então equiparadas ao sintoma, no sentido analítico: o que permite que o Um sozinho faça laço social. Assim, o que não pode ser dito pela força de um discurso dominante aparece, primeiramente, como sintoma. Ler um sintoma é alcançar um resto de gozo reduzido "ao choque puro da linguagem sobre o corpo". Para tratá-lo "é preciso passar pela dialética móvel do desejo, mas também é necessário [...] apontar mais além, à fixação do gozo, à opacidade do real"²¹. O feminino se localizaria então como um gozo ilegível que acontece no corpo²². Em função disso, podemos pensar a escrita/leitura do sintoma através da escuta/ausculta de uma sutil diferença: o feminino além da borda traçada pela letra ou pela cifra.

Letra e cifra são termos detidamente trabalhados por Lacan ²³. Ambos abordam de formas ligeiramente distintas, a meu ver, a tensão entre o significante e o gozo. A letra é ilegível, porém é dócil ao conto, à narrativa; ela permite leituras, por vezes cala-se, mas faz falar disso no laço discursivo. Diferentemente, a ilegibilidade da cifra a restringe ao circuito surdo e mudo da pulsão no corpo; ela silencia em vez de calar; parece ser mais favorável à contagem no sentido matemático do termo.

As escritas podem, então, se afastar ou aproximar, de forma mais dura ou lábil, da demarcação que separa o significante Um e o objeto. Tendendo ao Um elas respondem pela série, pela reiteração ou repetição monótona da cifra de gozo. Na literatura, digna desse nome, encontramos a letra, feminina, que se inclina para o enigma do objeto, em seu devir, alcançando uma nova escrita.

A arte traz, assim, uma escrita na qual algo impossível de se escrever deixa de sê-lo. Isso só acontece como contingência. Equivale a um novo choque da linguagem sobre o corpo; uma escrita formulada como fato único e isolado, sem repetição prevista. Nesse sentido a arte é feminina e persegue A mulher que não se escreve. Ao falar sobre a mulher

que não existe, em sua singularidade, cria uma a uma versões do feminino.

Vale acrescentar que, para a psicanálise, importa na arte não apenas seu resultado como objeto, mas a forma como ela trata o mal-estar, pela retirada de um objeto do senso comum para com ele formatar uma janela quando a estranheza do mundo abre abismos. Diante desse vazio abissal, no mesmo gesto, cria-se uma moldura e o objeto que nela improvisa uma tela. Recorta-se o infinito, sem escamotear, no entanto, o furo onde o objeto se aloja. A fantasia neurótica nem deixa perceber o que na arte testemunhamos: o espanto diante da Coisa - *das Ding* - e d`A mulher. Lacan sublinha que se destaca na arte o paradoxo da representação, sua falta radical, apontada por Freud na expressão *Vorstellungrepräsentant*²⁴.

O objeto de arte surge, escreve e pereniza, mas também cai em seguida à sua criação, devido à contingência de sua escrita, no que se distingue do objeto que a fantasia fixa. Ou seja, sua escrita não se baliza pela reiteração aditiva dos sintomas fixados. Se há alguma constante na arte, esta é o estilo com o qual os artistas ensinam a ler e vislumbrar, sonhar, o feminino. Propostas singulares de leitura do ilegível que merecem o adjetivo de feminina por sua oferta ao leitor como objeto de desejo e gozo. E ela será mais feminina quanto mais o leitor puder apontar com ela o feminino na linha do horizonte. Certamente vale a pena constatar isso em Clarice Lispector, Catherine Mansfield, Cecília Meirelles, Sylvia Plath e tantas outras. Como também em Kafka, Guimarães Rosa, Fernando Pessoa, Manoel de Barros. Todos eles são escritores da mulher impossível no mundo. José Saramago em seu romance *Todos os nomes*²⁵ propõe uma personagem, um anônimo José, funcionário de uma conservatória pretensiosamente total, a perseguir uma mulher desconhecida. Nem seu leito de morte ele alcança registrar. É um dos romances contemporâneos mais exemplares sobre o mistério do

feminino, da mulher, encenado nos meandros de um local de trabalho onde se prega obstinadamente o culto aos dados, às cifras, tão valorizadas no mundo atual.

Para concluir, presto uma homenagem a Autran Dourado, falecido recentemente, pela maravilhosa obra que deixou. Cito só o título de um de seus romances: *Uma vida em segredo*²⁶. Leia-se o livro: é vida feminina, segredo nada a segredar, vazio de uma presença. Biela, a personagem principal, estranha o que não pode ler. Equilibra-se no risco de uma escrita do silêncio. Quando lida, a escrita não é da personagem, nem do escritor, sem deixar de ser de ambos, pela confluência que os une. Ela promete ao leitor, que puser de si, o segredo da vida de Biela e o sonho do desejo do escritor. É preciso ser feminino para ler literatura feminina. Não se trata de um manual de instruções. É preciso estar preparado, de antemão, a não saber muito. Autran Dourado sabia que não sabia. E sabe ainda, uma vez que a escrita o pereniza, avançar pela seara do feminino, traçar nela *O risco do bordado*²⁷ lendo o ilegível para escrevê-lo, como só a licença poética e o bem dizer permitem.

¹ Esse texto se originou de uma participação da autora na mesa redonda sobre "A mulher que fala - discussões de gênero nas artes" no VII Simpósio de Filosofia e Psicanálise - Feminilidades, em dezembro de 2012 na UFES.

² Teoria inspirada em Foucault e sustentada por J. Butler, P. Califia, T. de Lauretis, G. Rubin, E. Sedwick, M. Wittig.

³ GODOY, C. (2012) "Bissexualidade". In: ANTELO, M (org.) *Mulheres de hoje - Figuras do feminino no discurso analítico*. Salvador: KBR editora digital, p. 53.

⁴ PFAUWADEL, Aurélie. (2006) "N'est pas queer qui veut ! "In: *Le diable probablement*, automne-hiver, número 1. Paris: pp.11-14. <http://www.lediableprobablement.com/numeros/pdf/01.pdf>

⁵ LACAN, J. (1998[1953]). "Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise" In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

⁶ LACAN, J. (1988[1964]). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

⁷ LACAN, J. (2012[1971-72]). *O seminário, livro 19: ... ou pior*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.

⁸ Op.cit. p.181.

⁹ RÊGO BARROS, R. (2012) "Da diferença sexual à diferença feminina". In: *Opção Lacaniana online nova série*, n.9. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/>

¹⁰ LACAN, J. (1982[1972-1973]). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, p. 91.

¹¹ CALDAS, H. (2011) Uma versão de feminino na contemporaneidade. In: CALDAS, H; MURTA, A; MURTA, C. (orgs.) *O feminino que acontece no corpo. A prática da psicanálise nos confins do simbólico*. Belo-Horizonte: Scriptum e EBP, pp. 265 - 273.

¹² LACAN, J. (1982[1972-1973]). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Op.cit., p. 99.

¹³ LACAN, J. (2009[1971]). *O seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, p. 69.

¹⁴ *Lettre*, em francês, tanto significa letra como carta. Cf. LACAN, J. (1998[1957]). "O seminário sobre 'A carta roubada'" In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

¹⁵ LACAN, J. (1985[1954-1955]). *O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 255.

¹⁶ RIVIÈRE, J. (2004[1929]). "A feminilidade como mascarada". In: *Phoenix - Revista da Delegação Paraná da Escola Brasileira de Psicanálise*. Curitiba: EBP-Delegação Paraná. Nº 4.

¹⁷ LACAN, J. (1998[1958]). "A significação do falo" In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

¹⁸ STEVENS, A. (2008) "Clinique de la lettre". In : *Quarto. Revue de psychanalyse publiée a Bruxelles: Litter -Letter - littoral*, nº 92. Bruxelles: ECF- ACF em Belgique.

¹⁹ LACAN, J. (2003[1971]). "Lituraterra". In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

²⁰ Cf. MILLER, J.-A. "O escrito na fala". In: *Opção lacaniana online nova série*, n. 8. Rio de Janeiro: EBP. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/texto1.html>. Acessado em 15/10/2012.

²¹ MILLER, J. A. "Ler um sintoma". In: *Blog da AMP*. Disponível em: <http://ampblog2006.blogspot.com.br/2011/08/jacques-alain-miller-ler-um-sintoma.html>

²² MILLER, J.-A. (2010-2011). *Curso de orientação lacaniana III*, 13: L'être et l'Un. Inédito.

²³ Cf. LACAN, J. (2009[1970-1971]). *O Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse do semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., e (2012[1971-1972]) *O seminário, livro 19: ...ou pior*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.

²⁴ LACAN, J. (2008[1968-1969]). *O seminário, livro 16: de um Outro ao outro* Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, pp. 211-227.

²⁵ SARAMAGO, J. *Todos os nomes*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

²⁶ AUTRAN DOURADO. *Uma vida em segredo* (1964). Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

²⁷ _____. *O risco do bordado* (1970). Rio de Janeiro: Rocco, 1999.